TRIVIIS

Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

MIDIATIZAÇÃO E TENSÕES COMUNICACIONAIS: UMA ANÁLISE METATEÓRICA DA PROPOSTA DE JOSÉ LUIZ BRAGA[1]

MEDIATIZATION AND COMMUNICATIONAL TENSIONS: A METATHEORETICAL ANALYSIS OF JOSÉ LUIZ BRAGA'S PROPOSAL

Luiz Signates[2]

Resumo: O presente texto propõe uma análise crítica da proposta de José Luiz Braga sobre o conceito de midiatização como "processo interacional de referência", a partir da metateoria das tensões comunicacionais. Argumenta-se que, embora a concepção de Braga represente um avanço importante ao recentralizar os sujeitos nos processos comunicativos mediados, ela tende a enfatizar de forma afirmativa o potencial da comunicabilidade, deixando em segundo plano as dinâmicas de incomunicabilidade constitutivas dos processos comunicacionais. A metateoria das tensões permite, assim, complexificar a análise ao introduzir as ambivalências e limites inerentes à produção de referências sociais.

Abstract: This article offers a critical analysis of José Luiz Braga's proposal concerning the concept of mediatization as an "interactional process of reference," drawing on the metatheory of communicational tensions. It argues that, although Braga's conception represents an important advancement by recentralizing subjects within mediated communicative processes, it tends to affirmatively emphasize the potential of communicability, thereby relegating to the background the dynamics of incommunicability that are constitutive of communicational processes. The metatheory of tensions thus enables a more complex examination by introducing the ambivalences and inherent limits involved in the production of social references.

[1] Conferência apresentada no VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 4 — Abrangência da midiatização para entender as mutações globais".

[2] Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Pós-Doutor em Epistemologia da Comunicação (Unisinos). Professor associado IV da Universidade Federal de Goiás junto ao Mestrado/Doutorado em Comunicação, na linha Mídia e Cidadania e docente efetivo do Mestrado/Doutorado em Ciências da Religião, na linha Cultura e Sistemas Simbólicos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Leciona também nos Cursos de Jornalismo de ambas as instituições.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o conceito de midiatização tem se consolidado como uma chave interpretativa central para compreender as transformações culturais, sociais e institucionais decorrentes da presença ampliada e complexa dos meios de comunicação na vida cotidiana. É digna de nota a fortuna crítica que o conceito tem recebido, por autores das mais diversas linhas de pensamento.

O conceito parece ganhar força, com o vertiginoso desenvolvimento das tecnologias de comunicação na contemporaneidade. Desde o fenômeno das redes sociais, com seus profundos e contraditórios impactos em eleições, emergência de grupos radicais e ondas de *fake news*, até o recente surgimento das inteligências artificiais, que parecem levar a produção simbólica não humana a níveis inimagináveis. Será que, neste contexto, é possível continuar explicando esses fenômenos a partir da afirmação de que vivemos uma sociedade em que as lógicas midiáticas capturam as interações ou as instituições sociais?

Eu gostaria hoje de tematizar a alta contemporaneidade da midiatização na vida social a partir de uma perspectiva específica: o diálogo altamente produtivo que tenho tido com um dos mais notáveis pensadores brasileiros do campo da comunicação, o prof. José Luiz Braga, que, após deixar a Unisinos, inscreveu-se como pesquisador visitante do PPGCOM da UFG, e se tornou um parceiro ou um tutor para mim, em tudo o que penso e escrevo. Ele hoje só não compartilha essa mesa conosco porque enfrenta um problema de saúde, que infelizmente inviabilizou a participação entre nós.

Mesmo na ausência física dele, meu diálogo irá se dar, a partir de um texto dele, publicado em 2006, sob o título “Mediatização como processo interacional de referência”, ao qual procurarei aqui fazer uma análise metateórica, utilizando a ideia de tensão comunicacional como operador analítico, mas não apenas para fazer ensaio teórico, e sim sugerir, de maneira breve, categorias para enfrentar alguns dilemas da midiatização que foram objeto de comentários em todos os dias, neste Seminário.

José Luiz Braga propôs, em 2006, uma definição inovadora ao entender a midiatização como "processo interacional de referência". Sua abordagem deslocou o foco da estrutura midiática, presente em clássicos como Stig Hjarvard, para as práticas sociais,

considerando os sujeitos como operadores ativos na produção de sentidos e referências simbólicas. Essa perspectiva se distancia das abordagens centradas exclusivamente nas estruturas técnicas ou nos meios enquanto instituições autônomas, ao privilegiar os modos como os sujeitos se apropriam da mídia em suas interações cotidianas.

Neste artigo, realizamos uma leitura metateórica da proposta de Braga, com base na metateoria das tensões comunicacionais, que compreende a comunicação como uma processualidade social atravessada por uma tensão constitutiva entre comunicabilidades e incomunicabilidades, definidas não como conceitos que indiquem descrições ontológicas do mundo e sim categorias de análise que servem a uma articulação dialética especificamente comunicacional. Interessa-nos, portanto, neste momento, refletir sobre os limites e ambivalências da noção de "referência" em contextos midiatizados, reconhecendo os sujeitos tanto como agentes quanto como vulneráveis às assimetrias e opacidades comunicacionais.

Em seguida, faremos uma breve reflexão sobre a contradição contemporânea e suas peculiaridades comunicacionais, de um ponto de vista dialético, tensional, metateórico.

2 A PROPOSTA DE BRAGA: MIDIATIZAÇÃO COMO PROCESSO INTERACIONAL DE REFERÊNCIA

Segundo Braga (2006), a midiatização não deve ser compreendida como mero efeito da expansão dos meios de comunicação, mas como um processo que se realiza nas interações sociais concretas. O autor critica abordagens estruturalistas e institucionalistas que concebem os meios de comunicação como forças externas que moldam a sociedade de forma unilateral. Para ele, tais visões desconsideram a complexidade das interações comunicativas e a capacidade dos sujeitos de negociar, adaptar e ressignificar os conteúdos midiáticos em suas práticas cotidianas. Essa visada socio-interacionista é típica dos textos de Braga, para quem o gesto comunicacional é de índole sócio-linguística e, para sua compreensão, interessa estudar os processos interacionais, mediante os quais os sujeitos produzem sentidos e significados, inclusive das instituições. A sociedade, diz Braga, aciona e engendra respostas sociais às mídias.

Braga então propõe a noção de "processo interacional de referência" como um modelo alternativo, no qual os sujeitos sociais não apenas recebem ou são afetados pela mídia, mas a utilizam ativamente como repertório simbólico. Nessa perspectiva, os meios de comunicação fornecem elementos que se tornam referências acionadas nas trocas interacionais — como personagens, narrativas, imagens e discursos — que são mobilizados para interpretar experiências, construir argumentos e situar ações no mundo.

Esse processo é visto como relacional e dinâmico: a referência não está dada, mas é construída no fluxo da interação. A midiatização, portanto, não é um fenômeno externo às práticas sociais, mas algo que emerge e se atualiza continuamente nas formas como os sujeitos usam os recursos da mídia para produzir sentido.

Trata-se, portanto, de uma concepção:

- Processual: a midiatização, para Braga, deve ser compreendida como uma dinâmica contínua e não linear, caracterizada por transformações permanentes nos modos como os sujeitos se apropriam da mídia. O autor recusa a ideia de estágios ou fases fixas do fenômeno e propõe vê-lo como um fluxo histórico em aberto, no qual os processos sociais e comunicacionais se co-constituem. A processualidade envolve, ainda, a instabilidade e a renovação constante dos modos de referência, que se adaptam às mudanças nos formatos midiáticos, nos contextos de uso e nas expectativas dos interlocutores;
- Interacional: a midiatização ocorre nas interações cotidianas, nos espaços em que os sujeitos, mediados ou não por dispositivos técnicos, constroem sentido conjuntamente. Braga enfatiza que o foco da análise deve se deslocar da mídia enquanto instituição para os usos que os sujeitos fazem dela em suas interações concretas. É na conversação, na troca de mensagens, nas narrativas compartilhadas que a midiatização se efetiva, por meio da ativação de elementos midiáticos como ferramentas para a construção de sentido. O interacional não se reduz ao presencial: ele inclui também as interações tecnicamente mediadas, mas sempre considerando os sujeitos como agentes relacionais;

- Referencial: o conceito de referência em Braga está diretamente vinculado à maneira como os sujeitos recorrem à mídia para ancorar ou situar suas experiências, ações e interpretações. Referência não é algo dado, mas uma construção estratégica e situada, que emerge no curso da interação e serve como ponto de apoio para a compreensão mútua. As referências podem ser mobilizadas como exemplos, analogias, metáforas, citações ou até como modos de fala e estilos narrativos. A referencialidade é, portanto, um processo performativo, no qual os sentidos são produzidos e negociados com base em repertórios compartilhados, mas sempre sujeitos a disputas e reinterpretações.

O pensamento de Braga permite ainda que compreendamos que os processos de midiatização possuem pelo menos dois níveis de abrangência: um nível microssocial, ou dos processos sociais específicos, referidos à adaptação de práticas sociais (como política, entretenimento e educação) às lógicas da mídia; e um nível macrossocial, que trata da mediatização da sociedade como um todo, onde os processos midiáticos tornam-se centrais na construção da realidade social. Nesse sentido, a ideia de processo interacional de referência perceba a midiatização como um conjunto de reformulações sócio-tecnológicas que elevam os processos mediáticos à condição de organizadores hegemônicos da sociedade, sem substituir completamente outros processos referenciais (como a oralidade e a escrita), mas reorientando-os.

Braga também chama atenção para o papel das condições de circulação e apropriação dos conteúdos midiáticos. Ele reconhece que a eficácia referencial dos recursos da mídia depende de sua inserção nas rotinas interacionais e nos marcos interpretativos dos interlocutores. Assim, a midiatização é inseparável das práticas de sociabilidade e dos regimes de reconhecimento simbólico em operação.

Essa perspectiva permite superar abordagens deterministas da mídia, ao recentralizar os sujeitos e suas práticas na análise dos processos comunicacionais. Ao enfatizar a agência dos comunicantes, Braga propõe uma leitura da midiatização que valoriza a criatividade, a negociação de sentidos e a articulação entre diferentes regimes de referência.

3 A TENSÃO COMUNICACIONAL: COMUNICABILIDADES E INCOMUNICABILIDADES EM ANÁLISE

A metateoria das tensões comunicacionais parte do princípio de que todo processo comunicativo é marcado por uma ambivalência fundamental: ele tanto possibilita a construção de sentidos compartilhados (possibilidades de comunicabilidade), quanto carrega em si potencias de ruído, exclusão e opacidade (possibilidades de incomunicabilidade). Essa perspectiva permite contribuir para ampliar e complexificar abordagens teóricas que se concentrem exclusivamente na dimensão produtiva da comunicação.

Aplicada à proposta de Braga, um pensamento metateórico revela três pontos críticos:

- Assimetrias e exclusões: a produção de referências depende do acesso a repertórios e competências simbólicas. Nem todos os sujeitos têm o mesmo poder de mobilizar ou ressignificar os signos midiáticos. As desigualdades sociais, educacionais e tecnológicas condicionam quem pode operar referencialmente com os meios e com que eficácia;
- Conflitos interpretativos: os sentidos produzidos em interações são frequentemente atravessados por ambiguidades, incompreensões e leituras divergentes. A referencialidade, portanto, é instável. O mesmo signo pode ser interpretado de modos diversos, gerando tensões e conflitos nas interações. Essa característica não escapa ao pensamento de Braga, mas recebe, penso eu, menos acento do que poderia ter, caso a perspectiva tensional fosse mais intensamente operada na sua teorização sobre as processualidades comunicacionais;
- Vulnerabilidades interacionais: a comunicação midiatizada também é lugar de silenciamento, apagamento ou colonização simbólica, o que desafia a ideia de uma interação plena ou mesmo predominantemente produtiva. Os sujeitos nem sempre encontram espaço para elaborar ou disputar referências, sendo muitas vezes capturados por lógicas hegemônicas de representação.

A noção de poder é pouco visitada no trabalho de José Luiz Braga, e isso certamente se dá por sua declarada preferência pelos processos interativos, numa visada bastante próxima ao da microssociologia da Escola de Chicago. Em Braga, encontramos os mesmos interesses dos estudos de Blumer e Goffmann, tais como o foco na pragmática das atribuições de significado, o privilégio a abordagens microssociais relacionadas às interações entre os sujeitos e a preferência às metodologias qualitativas de descrição das realidades comunicacionais estudadas. Com isso, as abordagens institucionais ou sistêmicas tendem a ser não referidas ou percebidas como epifenômenos das interações, dispensando as contribuições de formulações mais estruturais das ciências sociais, tais como a economia política ou a teoria das instituições.

A abordagem metateórica não tem necessidade de operar nesses limites. Podemos considerar que a conflitualidade entre teorias sistêmicas e teorias da ação na sociologia constitui uma tensão comunicacional, uma vez que os sistemas de poder operam na lógica do silenciamento da alteridade e os âmbitos de interação social se reproduzem pela dialogicidade implicada das esferas pública e privada, constituídas por intensas redes de comunicabilidade. Não há, pois, que se optar por um ou por outro, exceto por razões teóricas específicas da sociologia, mas não no campo da comunicação. Talvez seja exatamente por esta razão que Jürgen Habermas, em sua teoria da ação comunicativa, entreviu a possibilidade de reunir num único arcabouço teórico os âmbitos do sistema e do mundo da vida. A tensionalidade do comunicacional encontra-se na estrutura do pensamento habermasiano, sem, contudo, configurar uma visada metateórica, o que naturalmente dificulta um diálogo de sua teorização com as demais, disponíveis na filosofia social.

4 CONTRIBUIÇÕES DA METATEORIA À COMPREENSÃO DA MIDIATIZAÇÃO

A metateoria das tensões não invalida a proposta de Braga, mas busca complexificá-la, convidando-nos à análise das práticas de referencialização não apenas como estratégias de sentido, mas também como campos de disputa, opacidade e limitação. Ao lado das comunicações bem-sucedidas ou simplesmente tentativas, é preciso, a meu

ver, observar de forma mais aguda as falhas, os silenciamentos, os mal-entendidos e as resistências.

A tensão entre comunicabilidades e incomunicabilidades permite, portanto, uma visão mais realista e situada da midiatização, pois reconhece o potencial criativo dos sujeitos sem ignorar as condições estruturais de desigualdade simbólica que atravessam seus processos interacionais. Com isso, destaca-se a importância de uma abordagem comunicacional que não apenas celebre a agência dos sujeitos, mas também reconheça os constrangimentos, barreiras e conflitos que limitam ou inviabilizam a produção de sentidos compartilhados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Luiz Braga oferece uma contribuição relevante ao campo da comunicação ao propor uma concepção relacional e interacional da midiatização. Contudo, à luz da metateoria das tensões comunicacionais, torna-se evidente a necessidade de incorporar também os aspectos de falha, ruído e silenciamento que acompanham os processos de produção de referência. A comunicação é um campo de possibilidades, mas também de limites. Reconhecer essa ambivalência é essencial para compreender, com maior profundidade, os processos de midiatização na sociedade contemporânea. Uma teoria comunicacional robusta precisa dar conta tanto das potências quanto das insuficiências da mediação simbólica nos processos interacionais.

Ainda discutimos aqui os processos de plataformização e algoritmização da realidade virtual. Em vários momentos, surpreendemos análises dos usos das linguagens e das imagens dentro desses ambientes aparentemente complexos e difusos.

Hoje, sabemos que os algoritmos são estratégias político-simbólicas que não apenas formam bolhas de informação, assegurando o autismo tautológico dos processos de circulação, mas também, especialmente depois de Trump-2, veiculam sentidos e significados vinculados ao interesse político das megacorporações.

Mas, devagar os processos de manipulação e *fake news* das redes sociais vão deixando de ser a única ou a principal cena, no desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação. Agora, a onda são as IAs, os megaprocessadores de informação cada vez mais estruturalmente acoplados à vida social de todos nós, não mais apenas nos

direcionando para este ou aquele sentido informativo, mas, muito mais do que isso, produzindo textos e imagens em nosso lugar. A nova onda não é mais a da economia da nossa atenção, mas a da economia do nosso próprio pensamento, da nossa própria produção simbólica. Não é mais um algoritmo que simplesmente escolhe o que vamos ver, ler ou ouvir: trata-se de um processador de dados que escreve, desenha e diz em nosso lugar, mimetizando o nosso modo de ser.

E qual é a lógica desse acoplamento estrutural? Trata-se de um processo de midiatização? Trata-se de um processo interativo referencial? Talvez seja preciso irmos além desses conceitos ou ampliá-los o suficiente para enxergarmos a formação de um novo mundo simbólico, no qual já não há mais distinção possível entre a produção humana e a não-humana, embora saibamos que estas produções são oriundas do acoplamento estrutural de dois sistemas que funcionam de forma completamente diferente um do outro.

Meu juízo, colegas, é o de que as questões relacionadas ao que chamamos midiatização escapa das questões simbólicas ou comunicacionais, para atingir todos os patamares da vida em sociedade. E esse atingir todos os patamares inclui a comunicação, mas não se limita a ela. É a própria vida humana que adentra um momento histórico de enorme risco.

Senão vejamos, um exemplo apenas de uma preocupação que visita o mundo contemporâneo e ante a qual não temos como mais sermos indiferentes. Todos nós sabemos, a partir das filosofias da tecnologia, que o desenvolvimento tecnológico é substitutivo do trabalho social ou, no mínimo, modificador dele. A emergência dos computadores, com suas modalizações técnicas para a concretização dos produtos simbólicos, substituiu de forma avassaladora os técnicos das gráficas, os linotipistas, os diagramadores, os composedores, os revisores e os paginadores – todas estas profissões especializadas até o final dos anos 1980, que simplesmente desapareceram, substituídos por uma máquina que entregava o texto diretamente da redação para as impressoras. De lá para cá, o capital cada vez mais se reproduz com menos trabalho humano. Quando máquinas produzem por si sós ou com o mínimo esforço humano, isso significa que capital gera capital praticamente sem trabalho. O desenvolvimento dessa condição fez com que várias profissões fossem extintas, fazendo com que saberes humanos se

tornassem inúteis e, devagar, criando o que hoje vemos aos milhões no mundo: o desemprego estrutural, os bolsões de miséria formados por multidões que não estão simplesmente desempregadas, mas excluídas de um mundo onde quem não sabe lidar com IA talvez deixe de ter sua existência como necessária para qualquer mundo da produção.

Diante dessas multidões de excluídos, o capitalismo contemporâneo, que também se tornou midiatizado, porque é um capital que não existe senão como coisa simbólica, que corre pelas redes de internet da mesma forma como nossos textos e imagens, esse capitalismo financeiro-informacional, como diz Sodré, só tem para essas multidões duas soluções. A primeira é aquela que tem feito a fama de Luiz Inácio Lula da Silva em todo o mundo: o bolsa-família, os programas de renda mínima custeados pelo Estado. O Estado arrecada, do consumo e do grande capital, por meio de impostos, os recursos necessários e os distribui de modo a conferir à miséria absoluta as condições mínimas de sobrevivência. Esta é a solução humanitária, que, alguns anos atrás, foi defendida pelo bilionário Elon Musk.

A segunda solução é mais barata, mas violenta: o genocídio. Diante de populações inúteis, é menos dispendioso exterminar do que sustentar com bolsas ou programas de renda mínima. Não cometamos a ingenuidade de pensar que o capitalismo não cogita dessa alternativa. O morticínio brutal em Gaza, ante a quase indiferença do mundo; tanto quanto a emergência de uma extrema direita genocida e socialmente indiferente, que patrocina em países como o Brasil uma polícia empenhada em matar negros e pobres na periferia das cidades, não me parecem casos de simples desvio civilizatório ou eventos conjunturais e passageiros. Violência e guerra só ocorrem se derem lucro. E, claro, na esteira desse processo, a democracia se torna um regime absolutamente dispensável e até incômodo, pois permite o voto e a eleição de representantes dessas maiorias.

Trata-se de uma alternativa barata e econômica, que não precisa mais do que um ambiente político-comunicacional devidamente controlado, para que as incomunicabilidades cidadãs prevaleçam sobre as comunicabilidades e as comunicabilidades antidemocráticas se sejam capazes de silenciar as comunicabilidades de direitos. Não se trata tão somente de manipular os meios, mas de ocupar os lugares deles próprios e efetuar um jogo comunicacional cujas contradições estarão

suficientemente definidas não pelo discurso ideológico clássico, e sim pela obesidade da informação devidamente indexada, que seja rápida o suficiente para que o pensamento não se aprofunde e seja múltipla o suficiente para que as escolhas sejam impossíveis para além daquilo que se deve ler, ouvir ou perceber. E ante a sede por justiça e por igualdade, por direitos e por sobrevivência, vindos das populações marginalizadas, entra a esfera pública religiosa, promovendo um modo de participação política centrada no individualismo da teologia da prosperidade e no autoritarismo da teologia do domínio.

E é o próprio capital, na forma das IA, que estarão falando e fazendo as interlocuções, e escrevendo os nossos textos, e nos abastecendo de leituras.

É preciso, neste momento, que eu os alerte de que não se trata de uma visão apocalíptica, dessas que despontam nos meios intelectuais, a cada nova tecnologia que surge, anunciando o fim do mundo e da história. Não. Trata-se de percebermos a dialética comunicacional que emerge, a fim de estabelecermos as condições de luta política possíveis, neste campo. Mas, não faremos isso apenas observando as linguagens em curso. É preciso localizar o capital informacional e seus interesses, para se saber onde e para onde devemos direcionar nossos estudos e nossa luta.

Diz a professora Raquel Recuero, uma das jovens pesquisadoras mais talentosas desse mundo virtual no Brasil, que, enquanto prevalecer o poder e a lógica das Big Techs, as megaempresas cujo faturamento anual é maior do que a maioria dos países do mundo, no controle das máquinas de produção da interação e dos produtos simbólicos virtualizados, não haverá solução para nós. Como essas lógicas são as da individualização dos problemas e das manifestações, não há, até então, nas sociedades, força coletiva capaz de fazer frente a esse poder. Resta a única instituição mais poderosa do que estas empresas: os Estados. Mas, desde Trump-2, estas empresas descobriram o caminho para a colonização do Estado, que começa a ser feita nos Estados Unidos a partir de dois movimentos: primeiro, o desmonte do Estado de Bem Estar ou do que resta dele, com a regressão de direitos e responsabilidades sobre as populações vulneráveis, marginalizadas ou oprimidas de qualquer sorte; e, segundo, a apropriação das verbas estatais para a promoção de seu próprio desenvolvimento tecnológico.

Diante dessa realidade, quais são os processos de referência para a interação comunicativa? Quais processadores comunicacionais compõem a midiatização como um dos modos de sustentação global dessas estruturas perversas?